

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E A RELAÇÃO FALA-ESCRITA EM TEXTOS PRODUZIDOS POR ESTUDANTES DO PROEJA

Marlúcia Alves Secundo White*

Resumo

No estudo da relação fala/escrita em produções escritas de alunos do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), do Instituto Federal de Sergipe, *campus* Aracaju, analiso fenômenos linguísticos com o objetivo de refletir sobre as questões de escrita, lócus dos muitos conflitos gerados no âmbito da escola, assim como motivo apontado como responsável pelo insucesso escolar. Esses dados são representativos do trabalho desses sujeitos com a modalidade escrita da língua e podem ser representativos da variedade linguística por eles usada em sua comunidade de fala. São esses dados, portanto, que identificam o tipo de relação que se estabeleceu entre esses sujeitos, a linguagem por eles usada e a representada pela escola.

Palavras-chave: Proeja. Escrita. Variedade linguística.

Abstract

In the study of speech / writing in written production of students of the National Program for the Integration of Professional Education with Basic Education in the Form of Youth and Adults (PROEJA), Federal Institute of Sergipe, Aracaju campus, analyze linguistic phenomena with order to reflect on the issues of writing, the locus of the many conflicts generated within the school as well as reason pointed as responsible for school failure. These data represent the work of those subject to the written language and may be representative of the linguistic variety used by them in their speech community. These data are, therefore, that identify the type of relationship established between the subjects, the language used by them and represented the school.

Keywords: Proeja. Writing. Linguistic variety.

Introdução

Os textos produzidos pelos estudantes em tela apresentam diferentes usos da língua na sua modalidade escrita que são considerados pela escola como deficiências linguísticas. Neste estudo, é interesse verificar a presença de fenômenos linguísticos como apagamentos, que têm marcado a interferência da fala na escrita desses sujeitos. Seriam esses fenômenos resultantes da variedade linguística usada em sua comunidade de fala? Seriam esses fenômenos apenas desvios ou simplesmente “erros” ortográficos? Seriam esses fenômenos resultantes da tentativa individual de adaptar-se à língua oficial ensinada pela instituição?

Estas são questões relevantes, pois essa diversidade linguística tem contribuído para o insucesso de grande parte desses estudantes. Estariam essas dificuldades associadas à identidade social dos sujeitos e às condições de situação comunicativa? Daí a necessidade de se incorporar a este estudo a consideração de aspectos sociais relacionados à linguagem desses sujeitos.

Língua e sociedade se interrelacionam. Esse é um dos pressupostos da Sociolinguística. Se a língua tem sua função social, ou seja, se ela estabelece contatos sociais entre os falantes ou entre os escreventes, é inegável a sua relação com a sociedade. A própria língua, tomada como sistema, acompanha a evolução da sociedade e reflete os padrões de comportamento de seus integrantes. Portanto, a língua tomada como heterogênea está condicionada a fatores extralinguísticos e está em constante variação.

A escola acredita que o ensino de Língua Portuguesa deve restringir-se apenas à variedade padrão. Mas há uma visão unânime entre os linguistas de que a variação faz parte da natureza da linguagem e é resultado da diversidade dos grupos sociais. Para compreender e explicar o fenômeno da variedade linguística, pesquisadores dedicaram estudos ao modo particular como alunos falam e escrevem, ou seja, à maneira como usam a língua. A variedade linguística é cada um dos sistemas em que uma língua se diversifica, em função das possibilidades de variação de seus elementos (vocabulário, pronúncia, morfologia e sintaxe).

A variação é inerente ao próprio sistema linguístico. Com o objetivo de mostrar que a variação é essencial à própria natureza da linguagem humana, surge a área da Sociolinguística, que estuda as relações entre língua e sociedade, particularmente no interior das comunidades de fala. Essa área está interessada na identidade linguística dos grupos sociais, assim como nos registros linguísticos e, certamente, pode dar explicação sobre a variedade linguística usada pelos estudantes do PROEJA em seus textos.

Para Alkmim, uma pesquisa de natureza linguística que envolva comunidades que fazem uso da língua de formas diferenciadas é interesse dessa ciência, pois está preocupada com variedades linguísticas. Segundo essa autora, a Sociolinguística “encara a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico” (ALKMIM, 2008, p. 33).

Abaurre, em diversos trabalhos (1985, 1987, 1988), discute a maneira como se refletem na escrita alfabética inicial algumas características fônicas segmentais das variedades linguísticas utilizadas pelos aprendizes da escrita do português. Interessa-me,

portanto, refletir sobre essas marcas deixadas pelo aluno, refletir sobre o porquê dos estudantes dessa modalidade de ensino fazerem determinadas escolhas quando escrevem.

Para Abaurre et al (2010, p. 211), a variação linguística é natural e decorre do fato de que as línguas são sistemas dinâmicos e extremamente sensíveis a fatores como a região geográfica, o sexo, a idade, a classe social dos falantes e o grau de formalidade do contexto. Embora a variação seja natural, os falantes de uma comunidade linguística têm, em geral, a expectativa de que todas as pessoas falem de uma mesma maneira. Essa expectativa pressupõe uma forma “correta” de uso da língua, o que implica a existência de formas “erradas”.

A língua portuguesa falada no Brasil comporta essas variedades, que são consideradas legítimas pela Sociolinguística. Cada língua, no seu interior, se divide em modos particulares de fala. O Brasil é um país com diferenças regionais, culturais, econômicas, sociais e linguísticas. A escrita dos alunos dá testemunho desta realidade. Fatores externos, como o nível socioeconômico, escolarização, idade são variáveis que podem ter contribuído para a heterogeneidade linguística nos textos dos sujeitos de EJA. Contudo, as formas de variação podem projetar-se num contínuo, o que significa dizer que uma variável, como a ausência de concordância nominal, aparentemente exclusiva de falantes menos escolarizados, pode emergir na fala de usuários extremamente cultos (MOLLICA, 1998, p. 14).

Para Labov, a variação não ocorre ao acaso, ela é motivada por um conjunto complexo de parâmetros, por condicionamento ou variáveis que favorecem ou inibem o emprego de variantes. (LABOV, apud MOLLICA, 1998, p. 14). É possível perceber que as variáveis são de natureza diversa e não agem isoladamente. Dessa forma, as marcas linguísticas sujeitas à variação dependem da ação das variáveis estruturais, sociais.

Pesquisadores, como Mollica (2010), afirmam que o sistema linguístico é uma realidade sócio-histórica e está sujeito a variações, visto que uma língua jamais será usada de uma mesma maneira no tempo e no espaço. As características linguísticas particulares dos estudantes do PROEJA é fato. Sua forma singular de escrever pode ser originária de sua situação sociolinguística, quando colocam a escola em segundo plano, pois precisam trabalhar para sobreviver. Também não costumam ler, assim como não vinham praticando a escrita por longo espaço de tempo.

É observável, na sociedade brasileira, a evidência da existência de variedades de prestígio, como a variedade padrão, também conhecida como norma culta, socialmente valorizada e requerida pelas instituições. Há as variedades não prestigiadas, que são vistas/consideradas por essa mesma sociedade como pobres, inferiores ou ainda como ‘língua de analfabetos’. É necessário compreender a origem social dessas questões e as circunstâncias que levaram determinados sujeitos a empregá-las em seus textos. Por isso o apoio da Sociolinguística. Por isso, essa reflexão também pode ser estendida à escrita dos sujeitos de EJA que, na tentativa de compreender o funcionamento da língua portuguesa oficial e assim poder atender às exigências da língua ensinada, passam a ser afetados pelo próprio processo de construção da sua própria linguagem.

Nos fragmentos que seguem, selecionados de textos produzidos por estudantes do Proeja, campus Aracaju, é possível observar que o aluno oscila em relação à concordância

nominal (ora pluralizando o adjetivo, ora pluralizando o substantivo), assim como em relação à concordância verbal.

Eu sou uma pessoa que sempre procurei novas experiências e novos desafios e o curso de desenho civil me trouxe a oportunidade de

- (1) Eu sou uma pessoa que sempre procurei novas experiências(Ø) e novo(Ø) desafios e o curso de desenho civil me trouxe a oportunidade de... (AS, 20)

Essa questão de que a Igreja Católica expulsou os Índios do seu próprio abitar, não é correto porque? Os índios foram os primeiros habitantes das terras brasileiras, foram eles quem povoaram e desenvolveram sua cultura.

- (2) Essa questão de que a Igreja Católica expulsou os Índios do seu próprio abitar não é correto porque? Os índio(Ø) foram os primeiros habitantes das terras brasileira(Ø), foram eles quem povoaram... (JM, 43)

Horaria acima do normal, muitos deles não aguentava tantos esforço repetitivo acabava ficando doente, deu dois mil trabalhadores, surgiu dois funcionários com coragem e garra para lutar pelo direito do trabalhador, na

- (3) (carga) “Horaria acima do Normal, Muitos deles não aguentava tantos esforço repetitivo acabava ficando doente, sem” (falar) [...]dois mil trabalhadores, surgiu dois funcionário(Ø) com coragem e garra para luta(Ø) pelo direito do trabalhador (naquela mina) (AM, 40)

Nasci em Aracaju-se em 1986 na ocasião meus pais tinha acabado de chegar de São Paulo terra natal deles, durante a gravidez minha mãe acabou passando anemia para mim eu fiquei muito mal os médicos não tinham

- (4) Nasci em Aracaju-se em 1986 na ocasião meus pais tinha(Ø) acabou de chegar de São Paulo terra natal deles, durante a gravidez minha mãe acabou passando anemia para mim eu fiquei muito mal os médicos não tinha(Ø) (muita esperança.) (AS,26)

quante e filarmos juntos durante, mas os pais ainda estava sem pais minha mãe não tinha emprego fixo, então aos 13 anos fui trabalhar

- (5) (Mãe) voutou e ficamos juntos denovo, mas as coisas ainda estava ruim pois minha mãe não tinha emprego fixo, então aos 13 anos fui trabalhar... ..(PH,21)

Todos os filhos sofreram muito e até hoje, sofre, porque ele era tudo, pai, mãe, um herói que nunca podíamos ocultar.

- (6)... todos os filhos sofreram muito e até hoje, sofre. Porque ele era tudo, pai, mãe, um herói que nunca podíamos ocultar. .(RS,32)

Pois estou tentando tirar a primeira abilitação ou AB que irá me custar alguns dias, que ira do dia 23/08/10 ao 02/09/10

- (7) Pois estou tentando tirar a primeira abilitação ou AB que irá me custar alguns dias, que ira do dia 23/08/10 ao 02/09/10. (M, 21)

Macelo ficou sem ação, os bandidos ao recolhe seus pertence.

- (8) Macelo ficou sem ação, os bandidos ao recolhe(Ø) seus pertence(Ø).. encontrou” (AM, 40)

de passar meus conhecimentos para

- (9) de passar meus conhecimento(Ø) para (AM, 40)

Dona Marlucia me desculpe, não sou de escreve muito sou uma Pessoa de dialogo, acho melhor que esta escrevendo.

- (10) Dona Marlucia me desculpe, não sou de escreve muito sou uma Pessoa de dialogo, acho melhor que esta escrevendo. (VS, 35)

modalidade de EJA. Um dos pontos negativos que enfrentamos e a falta de apoio da Instituição e de alguns professores que não acredita em nosso potencial.

- (11) Modalidade EJA. Um dos pontos negativos que enfrentamos e a falta de apoio da Instituição e de alguns professores que não acredita em nosso potencial. (MR, 33)

Professora Maluce já estava a tanto tempo sem estudar quando a minha filha me escreveu pra fazer o curso pensei até que não iria passar pois estou aqui e com certeza irei terminar pois pretendo entrar no mercado de trabalho qualificado.

(12) Professora Maluce já estava a tanto tempo sem estudar quando a minha filha me escreveu pra fazer o curso pensei até que não iria passar pois estou aqui e com certeza irei terminar pois pretendo entrar no mercado de trabalho qualificado. (TC, 46)

~~... onde o mundo via em harmonia com a Natureza...~~ ^{harmonia}
~~... com a natureza...~~

(13) ... onde o mundo *vevia* em harmonia com a Natureza.... (AM, 40)

Neste último fragmento aparece a correção da professora na palavra *vevia* (a letra **i** foi escrita sobre o **e**), assim como na palavra *armonia* em que ela sobrepôs a referida palavra de acordo com a norma culta.

Vejamos, a seguir, um quadro dos fatos observados.

1 Apagamentos selecionados dos dados de escrita de estudantes do PROEJA do IFS, Campus Aracaju

<h> em início de palavra	<r> em final de verbo no infinitivo	<m> em final de verbo, na 3ª pessoa do plural	<s> em final de palavra (concordância no sintagma)
abitar / abtar 'habitar'	demonstra 'demonstrar'	'tinha 'tinham	meus centimento 'meus sentimentos
abtantes 'habitantes'	estuda 'estudar'	acredita 'acreditam'	nos mesmo 'nos mesmos'
armonia 'harmonia'	podê 'poder'	aguentava 'aguentavam'	novas experiência 'novas experiências'
abilitação 'habilitação'	entra 'entrar'	acabaça 'acabavam'	novo desafios 'novos desafios'
abitava 'habitava'	desenrrrola 'desenrrolar'	estava 'estavam'	os indio 'os índios'
	erra 'errar'	sofre 'sofrem'	terras brasileira 'terras brasileiras'
	acredita 'acreditar'		os trabalhador 'os trabalhadores'
	esta 'estar'		novo caminhos 'novos caminhos'

Autor: White (2012)

O apagamento é um fenômeno que acontece em todas as línguas, é comum no Português Brasileiro falado, especificamente no seu uso oral. Mas aqui ele é bastante presente nos fragmentos citados acima, recortados de textos escritos, produzidos por esses estudantes. Esse fenômeno é percebido tanto em indivíduos da zona rural quanto da zona

urbana. Numa conversa informal, até mesmo os letrados podem cometer apagamentos. O esperado é que esse fenômeno seja menos recorrente na linguagem escrita, embora ele tenha ocorrido com muita frequência nos textos desses alunos, que estão matriculados em cursos técnicos de nível médio, como pode ser visto nos fragmentos acima.

Tal fato pode ser percebido em muitos momentos, quando deixam de fazer a concordância tanto nominal quanto verbal, de acordo com os parâmetros da modalidade culta da língua, deixando para trás as marcas de plural em vários sintagmas nominais e verbais, apagando, principalmente, o <s> final de nomes e o <m> em verbos na 3ª pessoa do plural. Esse fenômeno também ocorre quando apagam o <r> final dos verbos, na sua forma infinitiva, ou ainda quando apagam o <h> inicial de palavras.

a) Apagamento do <h> em início de palavras

Na primeira coluna, verifica-se a ausência do <h> em *habilitação*, *habitantes*, *habitar*, *habitava* e *harmonia*. Nesses casos, tal fato pode ter acontecido porque o grafema não representa som nenhum. Segundo Sacconi (1999), seu uso, em geral, só se justifica por razões históricas ou etimológicas. O <h> é um símbolo gráfico e não propriamente uma consoante; é conservado no início do vocábulo, em razão da etimologia e da tradição escrita do português.

Na língua portuguesa existem palavras cuja grafia é determinada pela sua origem. As palavras iniciadas pelo uso do <h> fazem parte dessa relação. Assim, o desconhecimento dessas palavras contribuiu com os casos relacionados a esse tipo de apagamento. Como ele não é pronunciado, sua presença foi excluída pelo aluno. Temos então a oralidade influenciando a escrita, ou seja, uma não correspondência entre a fala e a escrita.

b) Apagamento de <r> em final de palavra

A língua portuguesa, como qualquer outra língua natural, sofre variações fônicas, ou seja, de pronúncia, ora por fatores linguísticos, relacionados à própria estrutura da língua, ora por fatores não linguísticos, voltados para a questão social, como a ausência de escolaridade. Mas também a variação pode ser motivada por ambos os fatores. Há alguns componentes da língua que se constituem em variáveis que oferecem maior probabilidade para que a variação ocorra.

Falo do apagamento do /R/ em posição pós-vocálica, especificamente o de posição final de vocábulo, e também do /S/ e do /m/ nas mesmas circunstâncias, sons representados entre barras e com letra maiúscula, seguindo Cristófaros-Silva (1999). Esses fatos linguísticos se refletem na escrita dos aprendizes, como veremos a seguir.

O cancelamento do <r> em posição pós-vocálica, em final de vocábulo, particularmente de verbos no infinitivo, foi o fenômeno mais recorrente nos fragmentos analisados. Na segunda coluna desse primeiro quadro, como pode ser observado, esse tipo de apagamento apareceu com muita frequência, como em: *demonstra*, *entra*, *estuda*, *podê*, *acredita*, *custa*, *recolhe*, *ajuda*, *esta*, *luta*, *facilita*, *demonstra*, em que deveria estar escrito: *demonstrar*, *entrar*, *estudar*, *poder*, *acreditar*, *custar*, *recolher*, *ajudar*, *estar*, *lutar*,

facilitar, demonstrar. Esse fenômeno linguístico é muito comum na expressão oral desses sujeitos. Conseqüentemente, aparece, com regularidade, nas suas produções escritas. Este é, portanto, um fenômeno bastante recorrente. O que realmente está acontecendo aqui?

De acordo com a língua padrão, espera-se que as formas do infinitivo pessoal dos verbos sejam pronunciadas com um [r] final, que significa exatamente o infinitivo. Isso pode ocorrer em determinadas variedades do Português Brasileiro. Entretanto, não é o que ocorre com a variedade com a qual estamos lidando, já que a realização da pronúncia do [r] não acontece. Nessa variedade, o [r], desinência de infinitivo, é apagado. Contudo, é importante observar que a não realização dessa pronúncia é amplamente percebida, também, nas classes favorecidas economicamente, com escolarização. Dessa forma, o que o aprendiz faz ao grafar essas formas sem esse <r> final, requerido pela escrita padrão convencional, adotada pela escola, é transferir um fato da sua fala para a escrita. Uma análise fonética minuciosa mostraria que a distinção entre uma forma infinitiva e outra forma idêntica é mantida pelo alongamento da vogal final na forma infinitiva. Essas sutilezas da língua falada não são - e não poderiam ser - representadas na escrita, que tem como base uma variedade de prestígio.

Em relação a esse fato, Mollica (1998) afirma que em pesquisa realizada sobre o apagamento do <r> realizada em uma escola, esse fenômeno ocorre, na escrita, mais entre os homens que entre as mulheres. Dessa forma, segundo essa pesquisadora, o sexo feminino utiliza, com mais frequência, a forma de prestígio tanto na fala quanto na escrita.

Costa (2009), ao tratar do fenômeno do apagamento em algumas regiões do Brasil, afirma que o português brasileiro tem forte tendência para a supressão da consoante /R/ em posição pós-vocálica, já que, segundo ele, o falante, instintivamente, segue em direção ao padrão canônico da sílaba, que é uma consoante e uma vogal (CV). Tal fato é fortemente marcado na língua oral, ocorrendo mais nas formas verbais infinitivas, em posição final de palavra.

Outro aspecto interessante, voltado para essa temática, vem de Bortoni-Ricardo (2006, p. 268), que chama atenção para o fato de que é necessário fazer a distinção entre problemas na escrita que decorrem da interferência de regras fonológicas variáveis e outros que se explicam simplesmente pela falta de familiaridade do alfabetizando com as convenções da língua escrita.

Essa reflexão pode ajudar a explicar a causa da diversidade linguística nos textos dos estudantes do PROEJA. Não há dúvida de que na Língua Portuguesa muitos vocábulos oferecem dificuldades quando são empregados na linguagem escrita, visto que sua pronúncia é totalmente diferenciada do que está grafado. Essa complexidade entre *som* e *letra* acontece uma vez que nem sempre a correspondência entre eles é biunívoca, tema discutido também por Sousa (2000).

Para Sousa (2000, p. 4), a escrita, quer produtiva ou reprodutiva, recorre a informações que colhe tanto do código oral como do escrito. A compreensão do problema ortográfico requer, por isso, que sejam aprofundados os processos ligados à percepção da fala, ao reconhecimento da palavra escrita, ou a fatos implicados na transcrição gráfica. Podemos pensar que, nos casos aqui citados, esses motivos tenham contribuído para esse comportamento linguístico, particularmente a influência da sua comunidade de fala. Como eles falam dessa forma, há momentos em que acabam transferindo isso para o texto escrito.

Também podemos considerar o que afirmou Bortoni-Ricardo “falta de familiaridade do alfabetizando com as convenções da língua escrita”, visto que muitos desses alunos ficaram afastados da escola por longo tempo, como afirmei anteriormente. Mas ainda podemos perceber, a partir do exemplo 18, citado no primeiro quadro, “... *passar meus conhecimento para o papel*”, que o aluno conseguiu registrar o verbo **passar**. É possível que ele fale sem pronunciar o [r] final, como muitos de nós, mas ao escrevê-lo, o fez diferentemente. Pode ser o efeito da prática da escrita na escola.

A partir dos fatos aqui expostos, afirmar que o apagamento é consequência direta da situação social desses estudantes parece coerente, já que, em geral, eles ficaram muito tempo fora da escola. Além disso, quando retornaram, cursaram o ensino fundamental de forma aligeirada, em curto espaço de tempo, sem uma prática consistente da escrita. Também quero reafirmar que a comunidade de fala à qual pertencem justifica o jeito como falam.

Portanto, podemos afirmar que a forma como eles escrevem pode ser resultante da variedade linguística usada por eles na sua comunidade de fala. Mas quero acrescentar ainda, em relação ao apagamento, que este fenômeno pode estar ligado também às questões de escolaridade.

c) Apagamento de <m> no final da palavra

Na terceira coluna, há o apagamento do <m>, morfema indicador de terceira pessoa do plural dos verbos, fato muito comum tanto na fala quanto na escrita desses estudantes. Mas também é comum observar em pessoas letradas, brasileiras, quando falam, o apagamento deste morfema.

Tal dificuldade, na escrita, deixa transparecer a variedade usada por esses sujeitos e a sua relação com a linguagem: (i) na variedade falada por eles, essa regra de concordância é diferente em alguns pontos, ou seja, diferente das regras de concordância previstas pela norma-padrão, ou gramática Normativa; (ii) a relação deles com a variedade que a escola espera que se use na escrita é conflituosa.

d) Apagamento de <s> em final de palavra

Na última coluna, observamos a ausência de grafia de <s> nos sintagmas nominais: *meus sentimentos, novas experiências, novos desafios, terras brasileiras, as mesmas, dois funcionários, os índios, os trabalhadores, novos caminhos e seus pertences*.

Na língua falada, teríamos aí um [s] que significa PLURAL nos nomes. Em quase todos os casos, esse [s] deixa de ser representado, na grafia, no segundo elemento de um sintagma nominal. Entretanto, podemos também encontrá-lo registrado no segundo elemento do sintagma nominal, como nos exemplos “*novo desafios*”, “*novo caminhos*”, “*a mesmas*”. O apagamento ocorreu no primeiro elemento. Vejo, aqui, uma oscilação entre o que ocorre na oralidade e o que ocorre na escrita.

Se esse fenômeno na oralidade é bem explicado pela Sociolinguística, o que ocorre na escrita, nesse caso, é diferente e já anuncia que a passagem desse aluno pela escola deixa, em sua escrita, sinais do efeito da escrita praticada na escola, embora ela não esteja,

ainda, em consonância com a regra. Vemos, portanto, que esse aluno se afasta da oralidade e a escrita escolar começa a fazer efeito em seu texto.

Do ponto de vista normativo, no sintagma nominal, deve haver concordância de número. O que ocorre na escrita desses aprendizes é o seguinte: na sua fala, não é efetuada a concordância de número e esse fenômeno, próprio de uma variedade não padrão, é transferido para sua escrita, na maioria dos casos estudados. Novamente, chamo a atenção para o fato de que, na fala, a não realização da concordância nominal de número é amplamente difundida. Ocorre em todas as classes sociais.

Para embasar as minhas inferências, do ponto de vista da Sociolinguística, cito alguns pesquisadores, como Tarallo (1985), que revela que no português brasileiro a marcação de plural no sintagma nominal apresenta duas variantes, o [s] representando a presença do segmento fônico (marca de plural) e o [∅], significando a ausência desse segmento. Esse autor afirma que essa segunda variante geralmente está ligada aos falantes com pouca escolaridade e/ou àqueles que não estão sujeitos às pressões sociais.

Se a variação linguística é tida como um fenômeno universal e pressupõe formas alternativas linguísticas denominadas variantes, ela abriga, portanto, um fenômeno variável. Tomando como exemplo a expressão “*seus pertence*”, do fragmento citado anteriormente – “*Macelo ficou sem ação, os bandidos ao recolhe(∅) seus pertence(∅)*”, verifica-se uma variável linguística de concordância nominal, ou seja, um fenômeno variável, que se realiza através de duas variantes possíveis, semanticamente equivalentes. *Variante 1* - seus pertences e *Variante 2* - seus pertence(∅). São duas formas linguísticas alternativas.

Esse caso de concordância nominal foi usado para exemplificar a *variável linguística*, ou seja, o fenômeno variável, pois se realiza através de duas variantes, duas alternativas possíveis e semanticamente equivalentes. Tem-se a marca da concordância no sintagma nominal ou a ausência da marca dessa concordância. A variável é concebida como dependente, visto que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupo de fatores de natureza social ou estrutural. É isso o que acontece com os estudantes de EJA.

Dessa forma, é plausível inferir o seguinte:

- a) esses alunos são oriundos de uma comunidade que faz uso de uma variedade em que não existe concordância no sintagma nominal;
- b) passaram anos fora da escola, sem contato com a escrita escolar;
- c) quando retornam à escola, trazem consigo esses hábitos de fala, que acabam sendo transferidos para a escrita, naturalmente.
- d) a passagem desses alunos pela escola deixa, em sua escrita, sinais do efeito da escrita escolar.

O termo variável, segundo Mollica (2010, p. 11), pode significar “fenômeno em variação e grupos de fatores. Estes consistem em parâmetros reguladores dos fenômenos variáveis, condicionando positiva ou negativamente o emprego de formas variantes.” Os fatores que atuam na variação podem ser variáveis de natureza interna ou externa.

Para Mollica (2010, p. 11), no conjunto de variáveis internas, encontram-se “os fatores de natureza fonomorfofossintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais.” Já no conjunto de variáveis externas, encontram-se os fatores que dizem respeito ao indivíduo,

como etnia e sexo; os propriamente sociais, como escolarização, nível de renda, profissão e classe social; e, ainda, os contextuais, como grau de formalidade e tensão discursiva.

Para Mollica (2010 p. 9-11), a Sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Para ela, variantes são as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável.

Como afirmaram Camacho (2008) e Bagno (2009), a Sociolinguística parte do princípio de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais. Dessa forma não há como separar o linguístico do social, aspecto já preconizado por William Labov.

Para Tarallo (1998), as variantes são as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade. O conjunto das variantes recebe o nome de variável linguística. O termo variável, para Mollica, pode significar fenômeno em variação. Para Camacho (2008), em todos os níveis de análise linguística existe o fenômeno da variação.

Considerações finais

A escrita dos estudantes do Proeja ora apresenta marcas de oralidade, que representam a influência da comunidade de fala a que pertencem, ora apresenta episódios singulares, que denunciam a sua relação com a linguagem.

Sua relação com a linguagem é instável, uma vez que há uma norma-padrão que precisa ser usada na língua escrita, a qual eles não conseguem assimilar durante a produção de seu texto, já que são usuários de uma variedade particular.

Essa relação com a variedade escolar contribuiu com os momentos de oscilação no uso dos recursos linguísticos, daí os movimentos de “idas e vindas”, um comportamento singular que evidenciou a instabilidade desse sujeito no trabalho com a modalidade escrita da língua.

Dado o perfil sociolinguístico desses alunos, outras marcas deixadas em seus textos, como a ausência de plural nos sintagmas nominais e verbais, levam à hipótese de que tal fenômeno tenha ocorrido por esses alunos serem oriundos de uma comunidade que não faz uso dessa relação fala/concordância, como também pela falta de prática na escrita escolar.

Percebe-se que esse sujeito não é somente um usuário da língua, ele é também afetado pela própria língua que usa. A partir do perfil desse sujeito, das reflexões sobre os episódios singulares analisados, das contribuições dos teóricos consultados e das discussões estabelecidas neste trabalho, é possível afirmar que dois fenômenos contribuíram fortemente para condicionar a escrita desses alunos: (i) a variedade por eles usada, diferente da variedade padrão, resultante da comunidade de fala a que pertencem; (ii) a sua relação com a linguagem que, como vimos, é bastante conflituosa.

Referências

- ABAURRE, Maria Bernadete Marques; ABAURRE, Maria Luiza Marques; PONTARA, Marcela. **Português, contexto, interlocução e sentido**. São Paulo: Moderna, 2010.
- _____.; FIAD, Raquel Salek; MAYRINK-SABINSON Maria Laura. A relevância dos dados singulares. In: **Cenas de aquisição da escrita: o trabalho do sujeito com o texto**. São Paulo: Mercado de Letras, 1997.
- ALKMIM, Tânia M. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: domínios e fronteiras**. v. 1. São Paulo: Cortez, 2008.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2009.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O estatuto do erro na língua oral e na língua escrita. In: GORSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl (Orgs.). **Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua**. Florianópolis: UFSC, 2006, p. 267-276. Disponível em: <<http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah>>. Acesso em: jul. 2011.
- BRASIL. Parecer CNE/CEB nº 11/2000. **Diário Oficial da União**. Brasília. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/PCB11_2000.pdf> Acesso em: 10 jul. 2011.
- _____. **Decreto nº 5.840, de 13 de julho de 2006**. Institui, no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/Decreto/D5840.htm>. Acesso em: 10 jul. 2011.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Coordenação de Políticas de Educação Profissional e Tecnológica. **PROEJA. Documento Base 2007- 2009**.
- _____. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996.
- _____. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CEB nº. 11/2001 e Resolução CNE/CEB nº. 1/2000**. Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília: MEC, 2000.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais (5ª a 8ª séries)**. Brasília: MEC: 1998.
- CAGLIARI, Luis Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2000.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: domínios e fronteiras**. v. 1. São Paulo: Cortez, 2008.
- COSTA, Gisela Barbosa da. Reflexões sobre o apagamento do rótico na escrita das séries iniciais. Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, ano 15, n. 45, set./dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>. Acesso em: set. 2010.

FARIA, Núbia Rabelo Bakker; PAULA, Aldir Santos de. **Refletindo sobre falar escrever em EJA**. Campinas: Unicamp, 2009.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LUCCHESI, Dante. **Preconceito linguístico ou ensino democrático e pluralista?** Salvador: UFBA, 2011.

MAYRINK-SABINSON, Maria Laura. (Re) escrevendo: momentos iniciais. In: **Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto**. São Paulo: Mercado de Letras, 1994.

MOLLICA, Maria Cecília. **Da linguagem coloquial à escrita padrão**. Rio de Janeiro: Letras, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>. Acesso em: set. 2010.

_____. **Fala, letramento e inclusão social**. São Paulo: Contexto, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>. Acesso em: set. 2010.

_____; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.) **Influência da fala na alfabetização**. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1998.

_____. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2010.

SACCONI, Luiz Antônio. **Nossa gramática: teoria e prática**. v. 1. São Paulo: Atual, 1999.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; MACEDO, Alzira V. Tavares. Variação e mudança: o caso do pós-vocálico. **Boletim da Associação Brasileira de Linguística**, São Paulo, n. 11, p. 165-80, 1991.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

